

BREVES REFLEXÕES SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

REFLEXOS DE UM PERCURSO DEDICADO A ESTA ÁREA



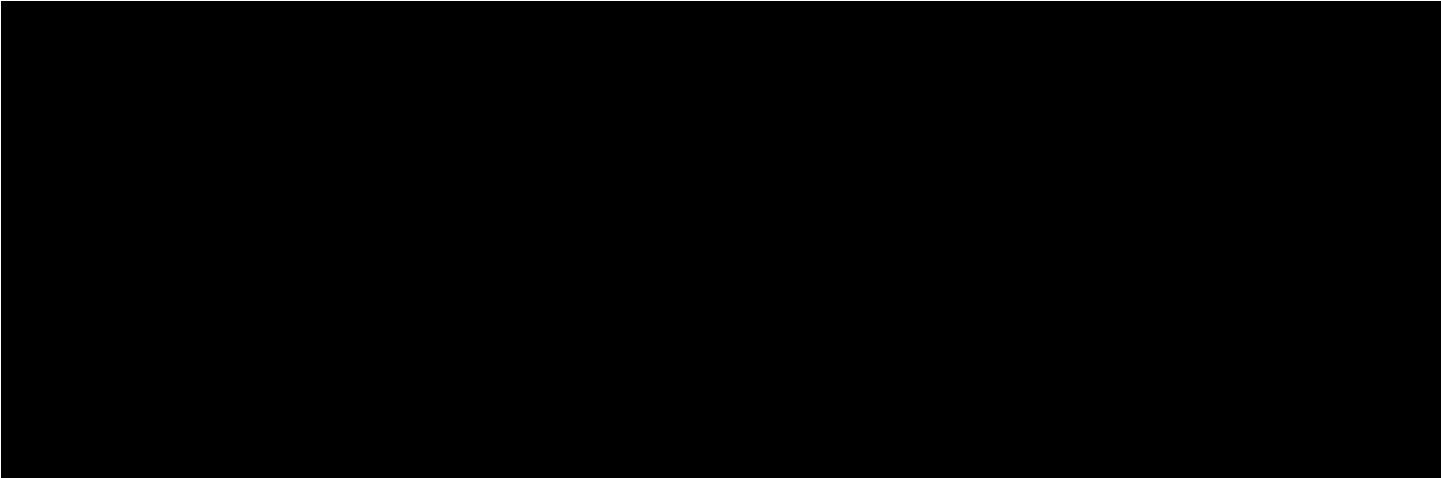
Ana Cardoso de Matos

Professora no Departamento de História da Universidade de Évora e membro do centro de investigação CIDEHUS da mesma universidade.

Doutoramento em História Contemporânea e Agregação (Habilitation) em História-Património. As suas áreas de investigação centram-se na História e Património Técnicos e Industriais, na História da Engenharia e na História das Infraestruturas urbanas (água, gás e electricidade).

Ciência Vitae - <https://www.cienciavitae.pt/portal/E713-AFCC-5E02>
ResearchGate - <https://www.researchgate.net/profile/Ana-Cardoso-De-Matos>

Fazer uma reflexão sobre o património industrial e o meu percurso neste âmbito remete-me quase imediatamente para os meus tempos de licenciatura e para as leituras que nessa altura fiz sobre as obras de autores como Marc Bloch ou Lucien Febvre. Ainda que tenham passado largas décadas deste o momento em que as obras destes autores, e de outros como Fernand Braudel ou Albert Silbert, foram publicadas, as ideias que defenderam, as perspetivas de análise que abriram, as novas formas de olhar o espaço que nos transmitiram e, sobretudo, o modo como nos levaram a reflectir sobre o passado e sobre como o mesmo determinou os



vários aspectos da sociedade actual, foram directrizes que marcaram o percurso de toda uma geração de historiadores entre os quais me incluo.

Assim, vem-nos quase de imediato à memória o seguinte trecho da obra de Marc Bloch que, de forma consciente ou inconsciente, está sempre presente nas reflexões que fazemos sobre a sociedade em que vivemos, a história e o património, nomeadamente o Património industrial,

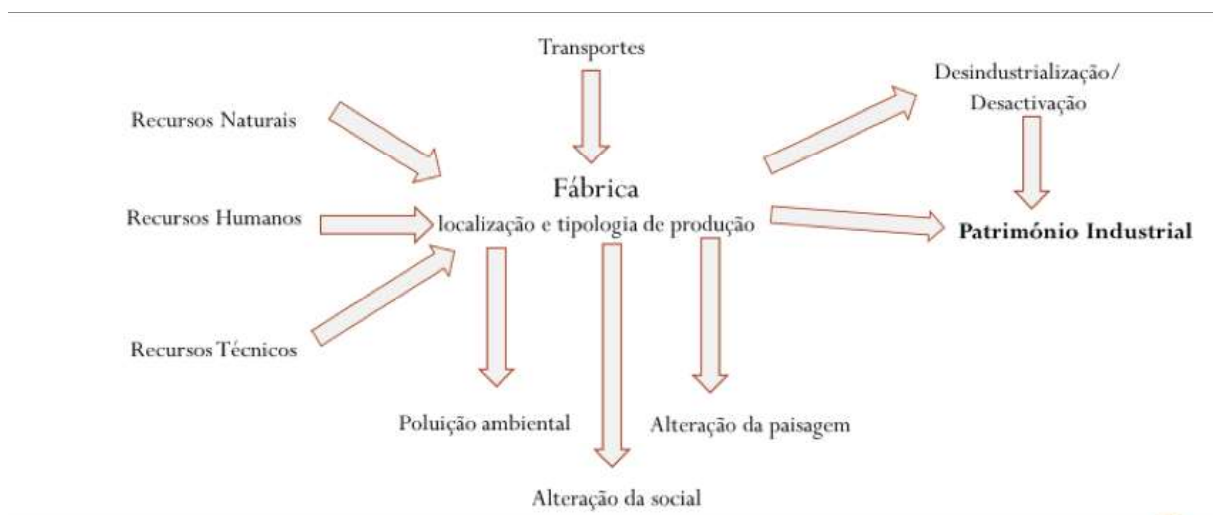
“É tal a força de solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado se nada sabemos do presente”¹

1. BLOCH, Marc, Introdução à história. Lisboa: Ed Europa América. 19.., p.35.

FACTORES DE IMPLANTAÇÃO DA INDÚSTRIA CONSEQUÊNCIAS DO SEU FUNCIONAMENTO E DESACTIVAÇÃO

Para entendermos a existência dos vários elementos de património industrial, existentes tanto no espaço rural como no espaço urbano, temos que recuar no tempo e analisar a partir de várias variantes as razões que levaram à implantação de uma indústria numa determinada região, as diferentes necessidades que levaram à construção de uma ponte ou de uma central elétrica num certo local, num determinado tempo histórico. Assim, qualquer análise que pretendamos fazer sobre o património Industrial existente nos nossos países obriga a que façamos uma reflexão sobre os factores que no passado foram determinantes para a implantação de determinadas estruturas industriais em determinados espaços tanto urbanos como rurais.

Com efeito para entendermos as razões que levaram à instalação de uma certa tipologia de fábrica num determinado local temos que pensar nos recursos naturais, humanos e técnicos disponíveis.



Se pensarmos, por exemplo na fábrica de porcelana da Vista Alegre, fundada em 1812 por José Ferreira Pinto Basto na vila de Ílhavo junto à ria de Aveiro, verificamos que a localização da fábrica não foi escolhida de forma aleatória². Com efeito para a produção de loiça era necessário um certo tipo de barro, o caulino, que existia justamente nessa região. Por outro lado, a proximidade da ria, cuja água era necessária para a produção, mas que servia também como uma via de transporte, era fundamental. Do mesmo modo o desenvolvimento da indústria de lanifícios na Covilhã teve como pressupostos essenciais, por um lado, a abundância da matéria prima, neste caso lã dos rebanhos que periodicamente passavam pela região devido à transumância que se prolongava do Alentejo até à Serra da Estrela, e, por outro lado, a existência de duas ribeiras que descendo a montanha forneciam as fábricas

Figura 1: Esquema de factores de implantação das fábricas e consequências do seu funcionamento e desactivação.
Fonte: Elaboração da autora

2. Sobre esta fábrica existem vários estudos. Veja-se, entre outros BASTO, João Teodoro Ferreira Pinto. A Fábrica da Vista Alegre: o livro do seu centenário 1824-1924. Lisboa: Biblioteca Nacional. 1924, 2 vols.

com a água necessária para lavar a lã, ou os tecidos já tingidos, e colocar em funcionamento os vários maquinismos que existiam no interior das fábricas. Para as fábricas de lanifícios da Covilhã a abundância de água foi um factor essencial do seu desenvolvimento e a utilização de máquinas hidráulicas foi um dos eixos característicos da indústria da Covilhã, região com dificuldades de acesso à máquina a vapor pelo custo de transporte dos maquinismos e do carvão de pedra⁵.

3. JUSTINO, David. A formação do Espaço Económico Nacional, Portugal 1810-1913, Lisboa, Veja. 1988, vol. 1, p.107.



Postal da Fábrica da Vista Alegre



Postais das Fábricas Campos & Mello na Covilhã

Figura 2: Fábrica da Vista Alegre e Fábricas na Covilhã.

4. AMORIM, Inês. A cerâmica de Aveiro no século XVIII: das olarias à fábrica de Louça Fina. Revista da Faculdade de Letras. Historia, Porto, Vol. 13, nº. 1, 403-422, 1996.

Mas também nestes dois exemplos a instalação das fábricas nestes locais teve em conta a disponibilidade de recursos humanos ou de mão de obra, cujo trabalho na indústria de porcelana foi favorecido pela tradição na produção de loiça, ainda que se tratasse de um tipo de loiça diferente⁴, e no caso da indústria dos lanifícios foi favorecido pelo domínio do trabalho das lã por parte dos habitantes, conhecimento que foi consolidado por

largos anos de tradição de trabalho ao domicílio. A estes homens se juntavam os técnicos que muitas vezes era preciso recrutar noutras regiões do país ou mesmo no estrangeiro, já que nestes locais afastados das principais cidades escasseava a formação técnica que era necessária para assegurar os processos produtivos e o funcionamento dos motores, hidráulicos ou a vapor, e dos vários mecanismos. Os equipamentos técnicos, ou seja, os motores, as máquinas e as ferramentas, se os mais simples eram muitas vezes feitos no local, os mais complexos obrigavam a recorrer aos centros em que se desenvolvera a metalurgia e a mecânica, quer esses centros de produção se situassem no país ou no estrangeiro.

Por seu lado, o funcionamento das fábricas desencadeou uma serie de alterações tanto a nível social, como a nível da poluição ou a nível da alteração da paisagem (Fig. 1). A nível social a actividade industrial não só organizou os vários trabalhadores das fábricas em grupos socioprofissionais, como os hierarquizou socialmente. Por outro lado, em muito destas fábricas foi criada toda uma serie de estruturas sociais, como escola, posto médico ou teatro destinados àqueles que aí trabalhavam.

A utilização dos rios como força motriz levou ao seu desvio e à poluição das águas⁵. Em 1903 quando o engenheiro Augusto Pinto de Miranda Montenegro realizou um inquérito às condições de salubridade das povoações mais importantes de Portugal, verificou que na Covilhã, por exemplo, as tinturarias contribuíam para tornar a “cidade muito insalubre sendo causa do

5. CARDOSO DE MATOS, Ana. Los usos industriales y urbanos del agua en Portugal y sus consecuencias medioambientales en la época contemporánea, In: MATÉS-BARCO, Juan Manuel, CARDOSO DE MATOS Ana, BERNARDO, Maria Ana (Editores). Control y usos del agua en la Península Ibérica: perspectivas diversificadas a largo plazo. Madrid: Silex, 2023, pp.185-189.

6. MONTENEGRO, Augusto Pinto de Miranda. Inquérito de salubridade das povoações mais importantes de Portugal. Lisboa: Imprensa Nacional. 1903, p. 30.

7. Tradução livre da autora. Citação original "Draining moorland or changing the course of a river also transformed the landscape, of course, but less starkly or dramatically than these new symbols of human domination", BLACKBOURN, David, The conquest of Nature. Water, Landscape, and the Making of Modern Germany. New York: W. W. Norton, 2006, p.191.

desenvolvimento de epidemias como o tifo"⁶.

A utilização dos rios como irrigação ou força motriz transformou progressivamente a paisagem, contudo, o impacto na paisagem foi sobretudo marcante no século XX com a construção das grandes barragens. Como refere David Blackbourn "A drenagem da charneca ou a alteração do curso de um rio também transformaram a paisagem, é certo, mas de forma menos acentuada ou dramática do que estes novos símbolos de domínio humano"⁷.

PATRIMÓNIO INDUSTRIAL: PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE, VALORIZAÇÃO SOCIO-ECONOMICA E FUNÇÃO EDUCATIVA

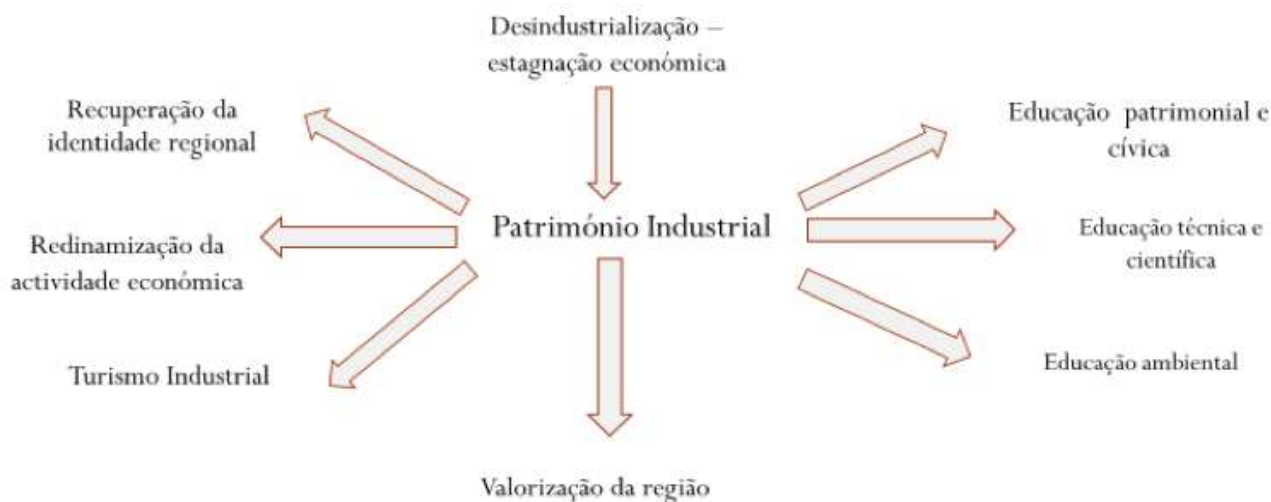
Tal como o desenvolvimento da indústria foi, como dissemos, determinado por factores políticos, económicos e sociais, também a desindustrialização dos territórios teve idênticos factores. A perda das vantagens competitivas na produção de determinados produtos, a concorrência de países em que a mão de obra era/é muito mal remunerada foram, entre outras, as razões do encerramento de numerosas fábricas e minas, que muitas vezes eram o motor da actividade de uma determinada região, tendo mesmo sido em muitos casos o elemento determinante para o desenvolvimento de um núcleo urbano em que a população dependia de forma directa ou indirecta da actividade industrial.

Nestes casos o património industrial é um elemento indispensável para recuperar as regiões que

se veem confrontadas com uma situação de estagnação económica que afecta a sua qualidade de vida. O património industrial é fundamental para a recuperação da identidade e da memória da actividade a que se dedicaram os antepassados, e que de algum modo moldou a região tal como ela existe hoje.

As acções que se desenvolvem para a preservação e a valorização do património industrial podem ser um elemento que incentiva a criar novas actividades económicas, como por exemplo, a recuperação/reprodução dos produtos que eram produzidos ou o desenvolvimento do turismo industrial, que faz apelo a um tipo de turismo de cariz cultural que procura proporcionar lazer ao mesmo tempo que tem como objectivo transmitir conhecimento e promover a educação cívica e cultural.

Figura 3 - O papel do Património Industrial na sociedade actual.
Fonte: Elaboração da autora.



Aliás, a educação cívica e patrimonial é um dos papeis mais importantes do património industrial, nomeadamente pelo facto de ser um elemento importante para o reconhecimento e valorização das actividades produtivas e de determinados grupos sociais, como os operários, que ao longo da história não foram na maior parte das vezes reconhecidos e valorizados. Contudo, a função educativa do património industrial não se esgota aí, pois este património pode igualmente desempenhar um papel fundamental na educação técnica e científica. Para reconhecer o papel que este património pode ter na educação técnico científica basta considerar o saber-fazer ancestral ligado a produção artesanal, mas também às actividades já com alguma mecanização, ou considerar a informação que uma central eléctrica, em que se mantiveram as máquinas, pode dar sobre a evolução da tecnologia de produção de electricidade, para dar apenas dois exemplos. Mas, o património industrial pode ser também um elemento importante para a educação ambiental ao fazer entender como o desenvolvimento industrial levou à alteração do curso dos rios e à poluição da água, ou à poluição da atmosfera com o fumo que saía das chaminés das fábricas que funcionavam a vapor.

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo o que dissemos acima se entende a importância que pode ter o património industrial nas sociedades actuais e a importância de o preservamos, para que através do passado possamos entender o nosso presente, mas sem esquecer nunca que se não entendemos o nosso presente não poderemos analisar o passado.

E também sem nunca esquecer que “Por detrás dos traços sensíveis da paisagem, dos utensílios ou das máquinas, por detrás dos documentos escritos aparentemente glaciais e das instituições aparentemente mais distanciadas do que as elaboraram são exactamente os homens que a história pretende apreender”⁸.

8. BLOCH, Marc, Introdução à história. Lisboa: Ed Europa América, 19... p. 27.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc, *Introdução à história*. Lisboa: Ed Europa América, 19..

AMORIM, Inês. A cerâmica de Aveiro no século XVIII das olarias à fábrica de Louça Fina. *Revista da Faculdade de Letras. História*, Porto, Vol. 13, nº. 1, 403-422, 1996.

BASTO, João Teodoro Ferreira Pinto. *A Fábrica da Vista Alegre: o livro do seu centenário 1824-1924*. Lisboa: Biblioteca Nacional. 1924, 2 vols.

JUSTINO, David. *A formação do Espaço Económico Nacional, Portugal 1810-1913*, Lisboa, Veja. 1988, vol. 1.

MONTENEGRO, Augusto Pinto de Miranda. *Inquérito de salubridade das povoações mais importantes de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. 1903.

CARDOSO DE MATOS, Ana. Los usos industriales y urbanos del agua en Portugal y sus consecuencias medioambientales en la época contemporánea, In: MATÉS-BARCO, Juan Manuel, CARDOSO DE MATOS Ana, BERNARDO, Maria Ana (Editores). *Control y usos del agua en la Península Ibérica: perspectivas diversificadas a largo plazo*. Madrid: Silex, 2023, pp. 181-206.

BLACKBOURN, David, *The conquest of Nature. Water, Landscape, and the Making of Modern Germany*. New York: W. W. Norton, 2006, p.191.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto CIDEHUS-UIDB/00057/2020